

VIOLÊNCIA SEM VEZ: AS PERFORMANCE DE MASCULINIDADES NO PATRIARCADO E O ADOECIMENTO PSÍQUICO

MARIANA TELLES BUENO¹
LISANDRA BERNI OSORIO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – marianabueno01@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lisandra.osorio@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Obras cinematográficas, enquanto expressão de complexidades da subjetividade humana, frequentemente contêm narrativas ideológicas que se inscrevem no imaginário do espectador — como a do patriarcado capitalista branco —, desempenhando um papel na manutenção de formas de poder e dominação. Contudo, de modo dialético, a sétima arte se torna espaço de reinterpretação e resistência. É nesse cenário, entre identidades fixas e devires, que o presente artigo se insere, partindo de discussões sobre gênero desenvolvidas pelo feminismo e pelos estudos Queer, para em seguida, apresentar um panorama de pensadores e pensadoras que abordam o faroeste no cinema, delineando em torno do filme escolhido para análise, um debate inicial para problematizar as performatividades masculinas nele representadas e na sociedade.

O ser humano não permanece fixo durante a existência, mas sim, em um devir, em um processo, numa relação de movimento com o mundo. Ao contrário do que a hegemonia patriarcal prega, o gênero, assim como o sexo, são construídos culturalmente e não cristalizados, podendo ser considerados um estilo corporal, um ato, estando também no devir, em uma constante transformação. Em consequência, há a performatividade das identidades de gênero, pois, esse ato acontece de forma intencional e performativa, em que performar perpassa uma construção dramática de sentido. (BUTLER, 2018).

Ao considerarmos o sistema vigente de desigualdade de gênero, há nesse contexto a socialização de garotos para serem “matadores”, tanto no imaginário do bom garoto, quanto na construção do modelo social nas brigas de “bad boy”, ou na representação dos soldados imperialistas que fazem a conservação do poder sobre as nações. À vista disso, em culturas de dominação há um ataque à autoestima, sendo substituída por uma noção de senso de ser que parte do controle do outro. (HOOKS, 2018).

Seguindo a discussão ao contexto das representações sociais artísticas, a categoria cinematográfica de faroeste, durante parte do século XX, representou um instrumento institucional estadunidense para construir e manter o domínio da visão binarista referente a gênero, mitologia e ideologia nacional. Nessa direção, diversos desses filmes repercutiram suas afirmações significativamente e adentraram o inconsciente coletivo a nível internacional. (OLIVEIRA, 2019).

Através desse viés, o cinema faroeste expressou por muito tempo a masculinidade dominante estadunidense, legitimando ações de opressão e tomada de territórios por homens brancos. A tematização dos filmes de Bangue-bangue perpassa as manifestações políticas e culturais dos Estados Unidos ao passo que se liga profundamente à histórica expansão de fronteiras, marcada pela violência, principalmente contra povos originários. (JORGE, 2022).

Contemporaneamente, as histórias ambientadas no Velho Oeste ganharam novas discussões, contrariando diversas ideias defendidas nos filmes

estadunidenses ao longo dos anos. Exemplo disso: O segredo de *Brokeback Mountain* (2006), de Ang Lee e, o Ataque dos cães (2021), de Jane Campion, que podem ser entendidos como uma subversão no imaginário de *Cowboys*. Nessas obras, há a desconstrução da masculinidade inerente nesse contexto, incorporando as implicações de diversidade. (SILVA, 2023).

Em suma, o cinema é capaz de ser alicerce a ideologias culturais hegemônicas, contudo, pode causar ficções nessas estruturas, explorando artisticamente questões subversivas e desconstruindo ideais de dominação. Desse modo, o objetivo do presente trabalho consiste em entender a possível relação entre a imposição de performatividades masculinas que o sistema patriarcal infinge, por meio da análise do filme brasileiro *Oeste Outra Vez* (2024) de Erico Rassi, e das repercussões no adoecimento mental dos indivíduos diretamente afetados por essas medidas.

2. METODOLOGIA

O procedimento metodológico consistiu na realização de uma revisão bibliográfica com caráter qualitativo (MINAYO, 2012), relacionando a análise da produção cinematográfica ao escopo de estudos feministas que debatem sobre imposição patriarcal, tal qual os estudos de gênero Queer. Nesse sentido, o filme foi escolhido com viés de autoria brasileira sobre o tema faroeste e subversão da figura de masculinidade nesse âmbito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O patriarcado impõe aos homens identidades masculinas sexistas, incentivando a serem patologicamente narcisistas, infantis e a dependerem psicologicamente dos privilégios sistematizados. Nesse sentido, quase não se criam identidades essenciais significativas, as quais não têm essência rígida, o que repercute em uma dependência da estrutura vigente. Dentro dessas relações, a ideia de não poderem mais desfrutar das interações privilegiadas representa uma ameaça à vida nesse imaginário masculino. O aparato patriarcal, capitalista e supremacista branco, acaba sem capacidade de proporcionar todas suas promessas. Devido a isso, vários homens permanecem angustiados, por conta ainda, de não se engajarem em críticas libertadoras, afastando uma conscientização, a reflexão necessária de entender como o que foi prometido se fundamenta em injustiça e dominação. Mesmo quando algumas das promessas são cumpridas, essas medidas não levam os homens à glória. (HOOKS, 2018).

Ao aprofundar a discussão sob o foco de adoecimento psíquico na estrutura patriarcal, o masculino como símbolo de uma identidade idealizada, a qual expressa uma concepção fixa do que seria ser “homem”, acaba representando o conjunto de atributos, bem como valores e condutas que socialmente são aceitos, modelando não só as atitudes, como também as emoções. Em vista disso, afastando características imputadas como femininas, a exemplo do autocuidado e da sensibilidade, a masculinidade compromete tanto a saúde mental de quem a performa quanto às relações interpessoais de maneira expressiva. (RIBEIRO & MACEDO, 2025).

O longa metragem *Oeste Outra Vez* (2024) de Erico Rassi é ambientado no Sertão do Estado de Goiás, os elementos visuais fazem uma referência direta aos faroestes clássicos, porém, são fiéis a brasiliidade desde as expressões linguísticas, passando pelo cenário interiorano, até à trilha sonora da música sertaneja. Nesse enredo, os personagens, majoritariamente homens, apresentam características

brutais, não conseguem lidar com as próprias fragilidades e são constantemente abandonados pelas mulheres que amam. Com isso, em suas tristezas e amarguras, eles se voltam violentamente uns contra os outros. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2025).

O plano inicial do filme, mostra talvez a única imagem de figura feminina do longa, nesses primeiros minutos, Totó (interpretado por Ângelo Antônio), antigo companheiro de Luía, e Durval (interpretado por Babu Santana), atual companheiro, dirigem freneticamente até pararem as camionetas e proferirem inúmeros atos violentos entre si. Luía, que nem olha a briga, saí do carro abandonando os dois. Paradoxalmente, a ausência das mulheres se torna uma presença constante no enredo, esse vazio deixado se incorpora à existência dos personagens masculinos. Em contraposição ao faroeste clássico, em que o feminino era apagado como coadjuvante para dar palco central ao protagonismo do homem ideal patriarcal, no filme brasileiro, a escolha da parceira em se distanciar daqueles indivíduos violentos tem significação marcante tanto na ficção quanto no cotidiano brasileiro de machismo e misoginia.

Seguindo a análise, Totó permanece perseguindo Durval e contrata um pistoleiro para matar o rival. Na maior parte das cenas, o protagonista expressa um silenciamento profundo, a dificuldade de encarar o que sente, não consegue falar ou agir de alguma forma que mude a situação. Dessa maneira, ele constantemente passa solitário, em sofrimento, demonstrando não ter rede de apoio nesse ambiente preenchido pela masculinidade. A escolha condizente com sua performance social, a violência, demonstra ser um caminho que eleva ainda mais o adoecimento psíquico, além de não alterar sua desolação.

Outro personagem destaque, Jerominho, o pistoleiro contratado por Totó, longe de ser o imponente matador de Bangue-bangue habitual, faz a tentativa de atirar em Durval, entretanto, acaba não conseguindo acertar nenhum dos tiros, manifestando ainda, incompetência singular nesse âmbito cinematográfico. Em consequência, o protagonista e seu assassino contratado saem fugitivos da região, agora sendo eles o alvo de morte.

No decorrer dos minutos, o filme continua desconstruindo as ideologias não só do Velho Oeste, tal como rompendo com a idealização da masculinidade patriarcal. Os homens nesse cenário, não encontram entre si amizade ou cumplicidade, eles esbarram no vazio mútuo, uma falta existencial e sentimental, entrelaçando os sofrimentos e potencializando suas próprias dores. Dessa forma, em destaque a cena em que o protagonista e Jerominho buscam abrigo na casa do primo do pistoleiro, entre a pouca hospitalidade e a inconveniência dos fugitivos, a ausência da figura de mulher retorna ao olhar masculino. Há semelhanças de destino entre esses homens que performam a mesma masculinidade, o dono da casa solitário, prefere falar da ex-esposa como morta do que reconhecer que ela abandonou a vida conjugal.

No final da película, a brutalidade preenche as cenas no momento em que as agressões recorrentes ameaçam apagar a vida do protagonista. Assim, acontece outro embate, um tiroteio em que finalmente o pistoleiro e Totó conseguem sair vivos. Entretanto, muito distante de mudar qualquer circunstância para os dois homens, a violência não traz alívio ou resolução, escancara seu rastro de morte no cotidiano, aqui, os personagens encaram a degradação, voltando ao mesmo abismo silencioso do início.

Enfim, os personagens masculinos de Oeste Outra Vez (2024) demonstram como a concepção de homem repercutida no sistema de dominação implica em sequelas profundas. Desse jeito, as performances do ser homem incumbidas na

manifestação da violência, da dependência a uma figura feminina e da dificuldade de encarar os próprios sentimentos, as fraquezas, sobrepuja o bem-estar como um todo, repercutindo em um ciclo de adoecimento psíquico e existencial.

4. CONCLUSÕES

Portanto, é necessário destacar a problemática da imposição das performances de masculinidades patriarcais, isso porque, apoiadas no disfarce de força e brutalidade, podem servir como uma máscara aos sentimentos de fracasso e medo. A fragilidade disfarçada de masculinidade encena no filme e na vida a necessidade de dominação social para fugir da própria solidão e da figura da mulher como ser desejante e autônomo, projetando sofrimento psíquico a esses homens que não conseguem se conectar com suas sensibilidades, assim como, impacta diretamente em diversos tipos de violências. Além disso, importante ressaltar o papel do cinema brasileiro, na forma de desconstruir constructos de dominação social utilizando espaços que por tantas vezes representaram pautas hegemônicas. Dessa maneira, os embates subjetivos no território de um faroeste a ser ressignificado, nos convida a pensar novas formas de expressividade masculina nas quais a munição possa abrir caminho para manifestações múltiplas, saudáveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade** / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- HOOKS, b. **O Feminismo é para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras**. Rosa dos Tempos, 2018.
- JORGE, M. S. O mundo não precisa de mais um pistoleiro: feminilidades e masculinidades desconstruídas em Godless. **Zanzalá**, v. 9, n. 1, 2022. Acessado em 20 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/article/view/38465>.
- MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621–628, mar. 2012. Acessado em 20 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Oeste Outra Vez. (2025). 28^a Mostra de Cinema de Tiradentes. Acessado em 25 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://mostratiradentes.com.br/filme/oeste-outra-vez/>.
- OLIVEIRA, C. B. de. **Cowboys & Indians: Masculinidades No Cinema Indígena E De Faroeste**. 2019. Tese de doutorado. Programa De Pós-Graduação Em Processos E Manifestações Culturais, Universidade Feevale, Novo Hamburgo.
- RASSI, E. (2024). Oeste outra vez. O2PlaY.
- RIBEIRO, E. B., & MACEDO, R. G. M. (2025). “Larga a mão de frescura! Vai encher a cara!”: masculinidades de homens autores de violência e saúde mental. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, 29. Acessado em 25 ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.250081>.
- SILVA, D. O. (2023). No meio do faroeste, tinha uma montanha: paisagens queerizadas. **Significação Revista de Cultura Audiovisual**, 50, 1–21. Acessado em 25 ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2023.215311>.